

DESENVOLVIMENTO REGIONAL

ESTADO DESIGUAL

RIQUEZA ESTÁ

NUMA SÓ REGIÃO

Pesquisa mostra que, em uma década, avançou em quase nada a distribuição de renda no Estado: Região Metropolitana **abocanha tudo**

ABDO FILHO
afilho@redgazeta.com.br

Os números do Produto Interno Bruto (PIB) dos municípios na década passada mostram que o caminho para desconcentrar a riqueza do Espírito Santo ainda é bastante longo. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados na semana retrasada, revelam, apesar da tão propagada política de interiorização de investimentos tocada pelos governos Paulo Hartung e Renato Casagrande, uma Grande Vitória cada vez mais rica e um interior com cada vez menos espaço na divisão do bolo.

O levantamento, que compila dados de 1999 a 2010, mostra que a Região Metropolitana (Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória) responde por 63,2% de todas as riquezas do Espírito Santo. Em 1999, a Grande Vitória contribuía com 60,3% do PIB capixaba. Os outros 71 municípios, consequentemente, que há 12 anos englobavam 39,7% do PIB, ficaram, em 2010, com apenas 36,8%.

De acordo com dados levantados pelo professor aposentado do Departamento de Economia da Ufes, ex-secretário de Planejamento do Estado e diretor do Instituto Futuro, Orlando Caliman, que assina o artigo da página ao lado, o processo de urbanização do PIB, iniciado logo após a erradicação dos cafezais, na década de 60, ainda não

ELES INVESTEM AQUI

“É MAIS FÁCIL CRESCER NUMA CIDADE COMO VITÓRIA DO QUE NO RIO DE JANEIRO OU SÃO PAULO”

Ivan Di Cesare (D)
Sócio do restaurante La Dolina



CARLOS ALBERTO SILVA

Aposta foi na boa comida

Há quatro anos, o chef argentino Ivan Di Cesare, natural de Mendoza, veio para Vitória com a intenção de ficar um ano num intercâmbio gastronômico e cultural. Três meses depois, percebeu o tamanho da oportuni-

dade que tinha pela frente e decidiu ficar de vez. “A cidade não é tão grande, mas tem uma economia muito forte e dinâmica. Há muita gente querendo bons restaurantes, boa comida”. Ele é um bom exemplo das muitas pessoas, daqui ou de fora, que se veem incentivadas a investirem na Grande Vitória, região que cresce acima da média estadual e

nacional. Alguns meses depois, Ivan chamou o amigo de infância Emilio Recchia para ajudá-lo na empreitada. Eles começaram nas cozinhas dos restaurantes argentinos que começaram a surgir na Grande Vitória. Há dois meses abriram o próprio negócio. “Apesar da demanda, Vitória é uma cidade praticamente virgem no que nos propomos a fazer”, analisa

Recchia. O último do trio a chegar foi Marcos Palomar. Veio para suprir o grande problema enfrentado pelos empreendedores argentinos no Estado, a falta de mão de obra. “Ele é especialista em carnes. Veio para ajudar, mão de obra por aqui é muito complicado. As pessoas somem sem avisar”, reclama Ivan, já sentindo o peso dos entaves brasileiros.

foi estancado, pelo contrário. Em 1970, a Região Metropolitana era responsável pela geração de 55% do PIB estadual. Percentual que passou para 56%, em 1980, chegando a 60%, em 2000, e a 63,2% agora.

Quando reunimos os cinco municípios mais ricos do Estado – Vitória, Serra, Vila Velha, Cariacica e Anchieta –, o avanço se repete. Em 1999 – com Aracruz no lugar de Anchieta –, eles respondiam por 58,41% do total das riquezas do Espírito Santo, agora, contribuem com 65,45%. Também chama atenção o fato de apenas duas – Metropolitana e Litoral Sul – das dez microrregiões do Estado, terem avançado percentualmente em cima do PIB. Todas as outras, incluindo Rio Doce, com as ilustres presenças de Linhares e Aracruz, perderam espaço.

SEM PREOCUPAÇÃO

Na avaliação da Secretaria de Estado de Desenvolvimento, responsável por capitanear esse processo de interiorização, trata-se de um trabalho de longo prazo e que ainda está no meio do caminho. “O primeiro passo, que era levar os investimentos para o interior, foi dado. Ainda tem muita coisa para acontecer tanto no Sul como no Norte do Estado, mais do que na Grande Vitória. A partir do momento que essas âncoras estiverem estabelecidas, esse quadro proporcional do PIB certamente será outro”, assina-

OK
D

UM PIB CADA VEZ MAIS CONCENTRADO NA GRANDE VITÓRIA

Todos os municípios do Estado cresceram, alguns mais outros menos entre 1999 e 2010, mas a renda está mais concentrada na Grande Vitória.

Há 12 anos, a Região Metropolitana abocanhava 60,3% do PIB capixaba. Em 2010, ficou com 63,2%. Neste período, apenas em 2000 essa concentração ameaçou ceder, chegando a 59,8%.

De lá para cá, com alguma variação, a tendência é de alta. Os picos da concentração de riquezas foram atingidos em 2007 e 2009, com a Grande Vitória respondendo por 64,7% de toda a riqueza do Espírito Santo.

Produto Interno Bruto por região e a participação de cada uma sobre o total das riquezas do Estado

ESPÍRITO SANTO

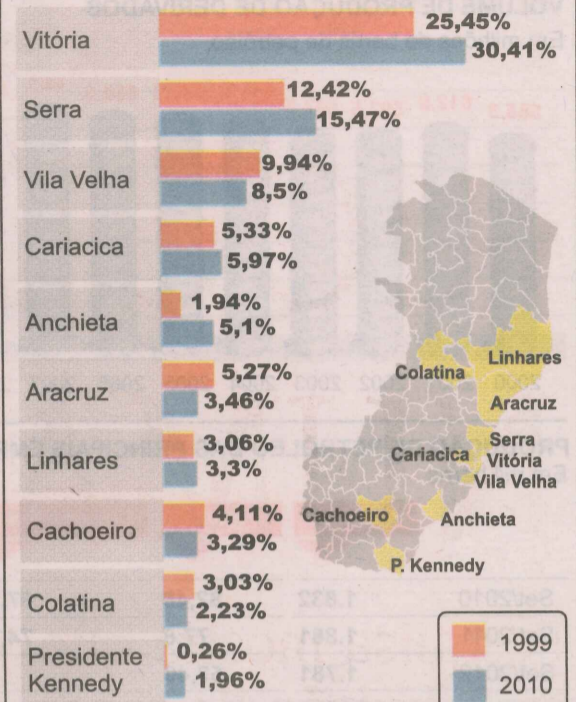
1999	19,84 BI	
2010	82,12 BI	Em R\$



Região	1999		2010	
	PIB (R\$)	Fatia	PIB (R\$)	Fatia
1 Metropolitana	11,96 bi	60,3%	51,86 bi	63,2%
2 Litoral Sul	802,1 milhões	4%	7,68 bi	9,4%
3 Rio Doce	1,94 bi	9,8%	6,46 bi	7,9%
4 Central Sul	1,29 bi	6,5%	3,88 bi	4,7%
5 Nordeste	958 milhões	4,8%	3,29 bi	4%
6 Centro-Oeste	985,6 milhões	5%	3,22 bi	3,9%
7 Noroeste	453 milhões	2,3%	1,63 bi	2%
8 Caparaó	577,7 milhões	2,9%	1,49 bi	1,8%
9 Sudoeste Serrana	472,9 milhões	2,4%	1,4 bi	1,7%
10 Central Serrana	390,7 milhões	2%	1,16 bi	1,4%

Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Instituto Jones dos Santos Neves

Participação dos 10 maiores municípios capixabas no PIB do Estado



A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

PROPOSTA



“É preciso criar uma rede de fornecedores locais que atendam tanto a indústria como os trabalhadores dessas grandes plantas. O dinheiro tem de circular no interior”.

ANA PAULA VESCOVI
ECONOMISTA

la a chefe em exercício da pasta, Cristina Santos.

O segundo passo, segundo ela, é dar infraestrutura logística e educacional para sedimentar a renda e incentivar o surgimento de novos empreendedores no interior. “Depois de estabelecido, por exemplo, o estaleiro da Jurong, vamos trabalhar para que o fornecimento de bens, serviços e mão de obra seja, em sua maioria, contratado naquela região. Para isso, temos de qualificar o pessoal e dar a infraestrutura necessária. No início do ano que vem, o Estado põe na rua um plano para melhorar as rodovias estaduais. Na educação, o objetivo é que cada um dos 78 municípios tenha uma escola profissionalizante, seja

ela do Sistema S, federal ou do Estado”.

MOTIVOS E SAÍDAS

Ana Paula Vescovi, economista e ex-presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, concorda com a linha traçada pelo governo, mas se mostrou surpresa, negativamente, com o desempenho de determinadas regiões.

“São números que até me surpreendem, esperava por um desempenho melhor principalmente de Linhares e Aracruz. Quando olhamos para trás, observamos uma importante desconcentração dos investimentos nesta última década, pressupúnhamos que a desconcentração de riquezas viria junto, mas não é o que acontece. Isso deixa claro que só os investimentos não são o suficiente para adicionar valor a essas regiões, a renda e, conseqüentemente, a riqueza não está ficando ali”.

Para Ana Paula, a falta de um setor terciário (comércio e serviços) mais pujante dificulta a já complexa tarefa. “É preciso criar uma rede de fornecedores locais que atendam tanto a indústria como os trabalhadores dessas grandes plantas. O dinheiro tem de circular no interior. Caso contrário, o industrial trará os insumos de fora e venderá também para fora. Os trabalhadores desta indústria, por sua vez, suprirão suas necessidades de compras e lazer também fora”.

Este, na opinião dela, é um dos motivos da Grande

ANÁLISE

Tudo começou com crise dos cafezais

Esse processo de concentração da produção da riqueza não é novidade no Espírito Santo. Em 1970, a Região Metropolitana foi responsável pela geração de 55% do PIB estadual. Percentual que passou para 56% em 1980, chegando a 60% em 2000 e 63% em 2010. Isso nos leva a avaliação de que a velocidade desse processo de concentração foi maior em anos anteriores a 1970. Mas, especialmente na década de 60, quando do desmantelamento da cultura do café, que provocou uma avalanche de urbanização; e que também aconteceu concomitantemente ao início do processo de industrialização. O porto de Tubarão começou a operar em meados da década de 70 e começa a dar o tom de uma economia em outra escala de operação. Ao analisarmos os dados recentes do PIB regional vamos perceber que a concentração agora contempla também as regiões litorâneas Sul e Norte. No Sul, o foco central está em Anchieta, mas também inclui Presidente Kennedy. Este último pelo simples fato de ter à sua frente plataformas de exploração de petróleo. No litoral

Norte, temos dois focos: Linhares e Aracruz. Essa região foi responsável por 9,1% do PIB em 2008. A queda subsequente – em 2012, foi de 8% – deu-se principalmente por conta da crise mundial que afetou a produção de celulose. A explicação mais simples para essa concentração maior do PIB no litoral está na escala dos investimentos em relação a dimensão da economia estadual, mas, mais especificamente do interior. Esses investimentos, pelas suas características nunca aconteceriam na Região de Caparaó, por exemplo. A estratégia é fazer com que Caparaó possa também usufruir desse crescimento maior do litoral, como todo o restante do interior do Estado. E para isso é preciso qualificar o interior, facilitando a sua integração, inclusive logística, com os polos de maior crescimento. Uma coisa tem que estar clara: o interior não pode concorrer com o litoral pela via da escala. A saída está na via do escopo, dos nichos de mercado, nas franjas da economia de escala.

ORLANDO CALIMAN
ECONOMISTA

Vitória permanecer desgarrando-se economicamente das demais regiões. “Além de ter uma economia bastante dinâmica, praticamente toda a prestação de serviços e o comércio de qualidade do Estado concentra-se na Região Metropolitana. O interior do Estado precisa dar esse passo além para que a renda gerada lá fique por lá”.

Na avaliação de José Edil Benedito, presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, apesar das tentativas governamentais de induzir o crescimento para regiões menos desenvolvidas, é complicado alterar essa proporção. “Há investimentos para todas as regiões, mas determinados locais, por conta do petróleo, por exemplo, atraem mais dinheiro com mais facilidade. Não tem jeito”.

Para Edil, infraestrutura e educação de qualidade são essenciais para tornar o interior mais forte. “Vivemos num Estado geograficamente pequeno, com rodovias duplicadas e seguras o trânsito de bens e serviços e, conseqüentemente, a oferta deles fica facilitada. Isso tende a beneficiar o interior. A qualificação também é essencial, essas escolas de ensino profissionalizante devem dar um salto de qualidade, com gente instruída, é mais fácil segurar a renda no local, além do fato de aumentar as chances do surgimento de empreendedores e novas ideias”.

Ainda com relação à educação, o presidente do Instituto Jones chama

atenção para a necessidade de que o Estado tem de explorar a indústria criativa. “Ainda temos muito para crescer nessa área. Regiões como o Caparaó, por exemplo, têm grande possibilidade de desenvolver o turismo, a culinária, um café de excelência. Trata-se de uma indústria que não é tradicional, mas que também faz girar muito dinheiro”.

PER CAPITA

O avanço da Grande Vitória também foi observado pelo Brasil Metro, relatório produzido pelo Global Cities Initiative sobre a economia das 300 maiores metrópoles do mundo, sendo 13 no Brasil. Entre essas 13, a Região Metropolitana de Vitória foi a que apresentou o maior avanço de PIB per capita entre 1990 e 2012, 55%. Enquanto isso, a média das demais metrópoles foi de 42%.

O relatório dá números parecidos com o do IBGE para a concentração de riquezas. De acordo com o Brasil Metro, 66% do PIB do Estado está concentrado na Grande Vitória. Na avaliação de Jill Wilson, um dos pesquisadores responsáveis pelo levantamento, o percentual é normal. “Para começar, a Grande Vitória é o lar de cerca de metade da população do Estado. Além disso, as áreas metropolitanas são centros de atividade econômica. Como o Espírito Santo é um Estado pequeno, não é de surpreender que a Grande Vitória seja parte tão importante de seu PIB”.

DECADÊNCIA

Brasil perde a autossuficiência conquistada em 2006

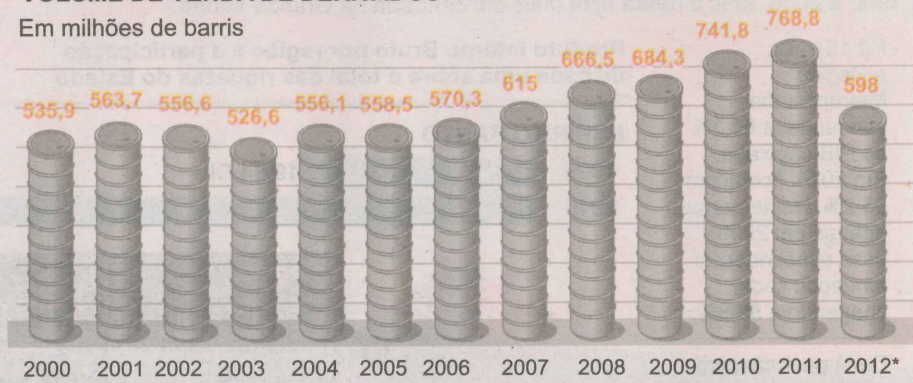
VOLUME DE PRODUÇÃO DE DERIVADOS

Em milhões de barris de petróleo



VOLUME DE VENDA DE DERIVADOS

Em milhões de barris



PRODUÇÃO DE PETRÓLEO DAS PRINCIPAIS EMPRESAS

Em mil barris

	Petrobras	Shell	Chevron Frade	Devon	Statoil	BP Energy
Set/2010	1.832	82,48	57,86	22,8	-	-
Set/2011	1.881	77,8	74,70	-	40,6	20,8**
Set/2012	1.781	57,40	-	-	58,25	14,48

*até setembro

**BP comprou ativos da Devon no Brasil

Fonte: ANP

PRODUÇÃO NO ES

Média diária 2015 500 mil barris

Média diária 300 mil barris

Aumento virá com plataforma P-58 com capacidade para produzir 180 mil barris/dia e novos poços em terra e campos já em produção

Gás

Produção atual 12 milhões m3/dia em média

2015: média poderá chegar a 18 milhões m3/dia

A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

O petróleo era nosso

Propalada autossuficiência não ocorreu e continuamos importando muito óleo

DE NISE ZANDONADI
dzandonadi@redegazeta.com.br

A propalada autossuficiência em petróleo, amplamente difundida pelo governo federal em 2006, quando a Petrobras anunciou que a produção brasileira chegou a 1,8 milhão de barris diários, não significou a interrupção nas importações.

Os brasileiros também foram informados que o volume de produção, em tese, atenderia às necessidades do país em termos gerais, mas não em relação aos derivados do petróleo, o que significa dizer que, mesmo produzindo o suficiente para o país, ainda era e é necessário continuar importando muita gasolina e muito óleo diesel.

A produção de petróleo no país já é superior a 1,91 milhão de barris por dia (chegando a mais de 2,1 milhões de barris equivalentes, isto é, óleo mais gás). O volume não é suficiente para atender à demanda. Faltam também mais plantas para aumentar a capacidade de refino.

Com isso, a Petrobras acaba exportando uma parte do óleo que extrai e

importando gasolina e ainda óleo diesel de outros países. Segundo dados do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), este ano o consumo de gasolina cresceu 13% em relação a 2011, enquanto a venda de álcool (etanol) caiu 11%.

ENTENDA

Os motivos? Redução no IPI dos carros e a manutenção nos preços do litro da gasolina para conter a inflação. Como os produtores de etanol estão produzindo mais açúcar do que álcool, o combustível está com preço mais alto e deixou de ser atrativo, ao longo de todo o ano, na maioria dos Estados brasileiros, o que eleva mais ainda o consumo de gasolina.

Até setembro deste ano, os dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP) registraram um déficit de 48 milhões de barris de petróleo. Este déficit é a diferença entre a produção e a venda de derivados de petróleo.

A previsão da Petrobras, que admite que o Brasil nunca foi autossuficiente em derivados, é de chegar a 2014 com um volume de produção igual ao do consumo. Já em 2020, a estimativa da estatal é de produzir em torno de 4,2 milhões de barris por dia



DIVULGAÇÃO

País sofre freio na produção e falta de novos campos

para um consumo de 3,6 milhões de 3,6 milhões de barris por dia.

Para a coordenadora do curso de graduação em Tecnologia e Engenharia de Petróleo da Universidade Vila Velha (UVV), Maria Araguacy, o próximo ano é promissor para o setor. "Temos grandes descobertas e temos tecnologia para explorar e produzir em águas profundas, onde estão boa parte destas descobertas", resume com entusiasmo.

Mesmo a acusação de que o governo federal manipula os preços dos combustíveis, apesar da variação do dólar, não deve prejudicar a Petrobras. "A política de preços dos combustíveis é antiga e não depende exclusivamente da direção da estatal. É uma questão de governo", acredita a professora.

Para Maria Araguacy, o Brasil precisa ampliar sua capacidade de refino já que os novos reservatórios descobertos poderão transformá-lo em grande produtor de petróleo nos próximos anos, mas não em produtor de derivados, devido à falta de plantas para refinar o óleo.

ÁREAS

Além da decisão de companhias estrangeiras que estão preferindo ven-

der suas áreas e sair do setor no Brasil, e da demora da entrada em produção dos campos do pré-sal, o país assiste à lentidão nos leilões de áreas novas para exploração e produção.

Em 2007, o governo federal, na véspera do leilão, retirou 41 áreas do total que foi indicado. Os especialistas afirmam que hoje, estas áreas estão fazendo falta. Desde 2009, o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) não autoriza a realização de novos leilões. Para 2013, há previsão de dois leilões, sendo um de área do pré-sal, para novembro.

PRODUÇÃO

No Espírito Santo, não há perspectiva de que a produção, hoje girando em torno de 300 mil barris por dia, mude muito até 2015. Poderá ter pequeno aumento devido à entrada de poços novos em produção, mas outros deixarão de ser operados.

O grande salto será dado a partir de 2015 quando entrará em operação a plataforma P-58 que produzirá 180 mil barris por dia. A produção de gás aumentará dos atuais 12 milhões de m3 para 18 milhões de m3 por dia. A partir 2017, haverá outro salto com outra plataforma de mais 180 mil barris por dia.